

CAPÍTULO 06 - ESTÁGIO NA FORMAÇÃO E NO TRABALHO DOCENTES: POR UMA DIMENSÃO PEDAGÓGICA

Ana Maria Iorio Dias

Bernadete de Souza Porto

Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro

Início de conversa

[...] A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, directamente articulados com as práticas educativas (NÓVOA, 1995, p. 28).

Nos últimos anos, observa-se o desenvolvimento de estudos sobre a prática de ensino, focando múltiplos aspectos que balizam este campo de pesquisa, que se constitui elemento de destaque no âmbito e cenário da formação de professores. Entre as temáticas mais pesquisadas na área da educação, observa-se uma centralidade conferida ao estágio, suas dimensões e proposições para a qualificação dos futuros professores. Certamente esse foco privilegiado diz respeito à nossa dificuldade de diminuir a distância entre teoria e prática, fundamento do processo educacional quando se aborda a formação dos licenciandos.

Este artigo destina-se a refletir sobre o estágio, a fim de identificar qual é a sua contribuição na formação inicial de professores, por ser considerado, na maioria das vezes, como o primeiro campo de experiência da prática de ensino. Neste sentido, diz-se que é espaço privilegiado para aqueles que ainda não exerceram o magistério, ou de melhor oportunidade de reflexão sobre a prática de ensino para todos aqueles que o realizam, tendo já exercido ou não a docência, devido à interlocução com os docentes e à qualificação da ação supervisionada no processo de formação de professores.

Historicamente, o estágio é identificado como importante componente curricular nos cursos de formação de professores, dada sua natureza e intento frente à articulação da teoria com a prática. A atividade também pode permitir, com as demais

disciplinas, amplos conhecimentos para a qualificação docente, no que se refere aos aspectos pedagógicos do ensino e da aprendizagem. Em relação ao exposto, Lima (2001, p. 16) complementa que ele (o estágio) “é o momento de revermos os nossos conceitos sobre o que é ser professor, para compreendermos o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade”. Nesse sentido, percebe-se que este pode permitir ao docente em formação inicial inúmeras reflexões sobre a constituição de sua identidade e do seu próprio exercício do magistério,⁵ considerando as condições e o papel do seu trabalho.

O Estágio: importante componente curricular

De início, ressalta-se que o estágio, “[...] ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora de práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade” (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 45). Assim, a reflexão aqui trilhada tem o desígnio de apontar aproximações teóricas sobre a função desta dimensão pedagógica para a qualificação docente, sem perder de vista suas possibilidades e limites.

Pimenta e Lima (2008) expõem que ao estágio dos cursos de licenciatura compete permitir que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionalizadas, colocando-as em questionamento, porque as teorias são explicações provisórias da realidade.

A prática de ensino, proporcionada pelo estágio, neste sentido, é vital para os futuros discentes, em especial porque permite aproximações com o campo de atuação do professor – a sala de aula –, e com a dinâmica das instituições de ensino. Junte-se a isso, segundo Barreiros e Gebran (2006, p. 20), que “o estágio curricular pode se constituir no *locus* de reflexão e formação da identidade ao propiciar embates no decorrer das ações vivenciadas pelos alunos, desenvolvidas numa perspectiva reflexiva e crítica, desde que efetivados com esta finalidade”.

Diante das inúmeras transformações sociais, da revolução técnico-científica e da propagação da racionalidade técnica, é questionada atualmente a função pedagógica do estágio nos cursos de formação de professores, pois observa-se que

⁵ Esta perspectiva formativa pode ser estendida aos professores que já exercem o magistério, porque conseguiram se inserir no mercado de trabalho antes de começarem o curso de formação inicial ou no decorrer deste. Segundo Pimenta e Lima (2008), o estágio é uma oportunidade de reflexão da prática docente e uma possibilidade de formação contínua para quem já exerce o magistério.

“a lógica da racionalidade técnica opõe-se ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva” (NÓVOA, 1995, p. 27). Portanto, em face desta premissa, este componente curricular não é um espaço para promover o domínio de técnicas e instrumentalizações para o exercício da docência, pois “a prática pela prática e o emprego de técnicas sem devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria desvinculada da prática [...]” (LIMA, 2001, p. 67).

De outro modo, há também a supervalorização de determinadas disciplinas, considerando-as como mais significativas para a qualificação destes profissionais, em destaque são apreciadas as que compõem a parte de fundamentos da educação nas licenciaturas. No caso específico dos cursos de Pedagogia, podem ser citadas: Sociologia, História, Filosofia e Psicologia.

Diante disso, é preciso salientar, apoiando-se em Pimenta e Lima (2008), que o estágio é uma atividade também teórica que permite conhecer e se aprimorar com a realidade. Sendo assim, ele precisa ser concebido como fundamentação teórica, contrapondo os princípios da racionalidade técnica.

Além disso, é preciso desmitificar e identificar que este componente curricular “[...] não é a hora da prática! É a hora de começar a vislumbrar a formação contínua como elemento de realimentação dessa reflexão” (LIMA, 2001, p. 16). Nesse sentido, o estágio pode permitir a apropriação de conhecimentos vitais à qualificação inicial do futuro professor, articulando os demais saberes acadêmicos, principalmente porque é através dele que se nota com clareza, de acordo com Veiga (2009, p. 19), no curso da formação inicial, que há:

Unicidade entre teoria e prática. Isso significa que a relação teoria e prática perpassa todo o processo de formação e não apenas prática de ensino em uma visão finalista. A formação tem como fundamento básico o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como meio de produção de conhecimento e intervenção na prática social e especificamente na prática pedagógica (VEIGA, 2009, p. 19).

Compreende-se, assim, que este componente curricular pode desencadear, no futuro docente, a capacidade de desenvolver a vivência das situações em sala de aula, que vão além da técnica, possibilitando o exercício da reflexão crítica sobre a docência, e isso contribui com a sua profissionalização. Em se tratando da reflexão sobre os termos teoria e prática, é preciso salientar, nas

percepções de Veiga (1989), que a intenção da teoria pedagógica é preparar ou modificar idealmente, e não verdadeiramente, a matéria prima. Já o objetivo da prática pedagógica é fundado pelo conjunto de meios, o modo pelo qual as teorias pedagógicas são colocadas em ação pelo professor. Quanto a esta discussão, Pimenta (2011, p. 28) argumenta que

O exercício de qualquer profissão é prático nesse sentido, na medida em que se trata de fazer “algo” ou “ação”. A profissão de professor é também prática. E se o curso tem por função preparar o futuro profissional para praticar, é adequado que tenha a preocupação com a prática. Como não é possível que o curso assuma o lugar da prática profissional (que o aluno exercerá quando for profissional), o seu alcance será tão-somente possibilitar uma noção da prática, tornando-a como preocupação sistemática no currículo do curso (PIMENTA, 2011, p. 28).

Nota-se, desse modo, que o estágio pode permitir diversificada formação aos futuros professores, por isso, deve ser superada a marginalização histórica dele no conjunto dos componentes curriculares dos cursos de licenciatura.

Com isso, defende-se que os profissionais responsáveis pela formação desse futuro professor, mesmo no ministério de outras disciplinas, necessitam se apropriar de leituras sobre este campo de conhecimento. Isso ganha importância capital porque se percebe que os docentes das licenciaturas precisam abordar os diversos componentes curriculares de forma articulada, sem supervalorizar determinados conhecimentos e deixar outros à declive da formação ou do “mercado de trabalho”.

A partir do exposto, evidencia-se que o estágio possibilita aproximações com o campo de atuação do discente, momento fundamental para a realização da reflexão de diferentes estruturas e nuances deste espaço, pois somente a teoria não dá conta de explicar o próprio mundo do trabalho docente. Logo, “através da prática é possível apoiar e desenvolver o pensamento prático, graças a uma reflexão conjunta (e recíproca) entre o aluno-mestre e o professor ou tutor” (NÓVOA, 1995, p. 112).

Da mesma forma, compreende-se que o ato de refletir sobre a prática e na prática precisa ser constante, e desenvolvido por todos os sujeitos envolvidos no processo educativo. Isso se justifica porque a natureza dela é mutável e sujeita a frequentes alterações, dada a complexidade do conhecimento científico, que é reestruturado por “requerimentos” do que está posto no empírico.

Segundo Pimenta e Lima (2008), o estágio, em seus fundamentos teóricos e práticos, poderá ser esse espaço de diálogo e de lições, de descobrir caminhos, de superar os empecilhos e arquitetar um jeito de caminhar na educação de modo a favorecer ganhos de melhores assimilações aos discentes. Em complemento, destaca-se que

A formação do professor deve estar ligada a tarefas de desenvolvimento curricular, planejamento de programas e, em geral, melhoria da instituição educativa, e nelas implicar-se, tratando de resolver situações problemáticas gerais ou específicas relacionadas ao ensino em seu contexto (IMBERNÓN, 2009, p. 17).

Para dar conta do que propõe Imbernón (2009), compreende-se que este profissional deve dispor de uma formação embasada na indissociabilidade entre a teoria e a prática, uma formação que dê conta do exercício de refletir sobre o seu campo de atuação ao mesmo tempo em que intervém em seu contexto. Com efeito, é fundamental que o professor articule e fomente a ação-reflexão-ação, de forma dialética.

Deste modo, também é relevante que ele tenha condições físicas e pedagógicas para desenvolver com êxito as práticas de ensino dos Estágios nas instituições escolares, a fim de chegar a seu campo de atuação com determinados saberes iniciais sobre o exercício da docência. Percebe-se, assim, que o espaço deste componente curricular permite ao estagiário alguns saberes que se articulam na unidade teoria-prática, e que enriquecem a formação pedagógica deste profissional. Isso porque, a partir daí, esse profissional poderá realizar leituras mais críticas da realidade que o cerca, contemplando os saberes acadêmicos, as vivências da prática de ensino e a condição profissional. Isso possibilita, ao futuro docente, conhecimentos pedagógicos vitais para o exercício do magistério, pois

A prática pedagógica tem um caráter criador e tem, como ponto de partida e de chegada, a prática social, que define e orienta sua ação. Procura compreender a realidade sobre a qual vai atuar e não aplicar sobre ela uma lei ou um modelo previamente elaborado. Há preocupação em criar e produzir uma mudança, fazendo surgir uma nova realidade material e humana qualitativamente diferente (VEIGA, 1989, p. 21).

Tomando como foco a discussão sobre a prática pedagógica, centrando-se na dimensão formativa desta para o futuro professor, nota-se que o estágio aparece como elemento propulsor e promotor de conhecimentos iniciais sobre o trabalho no magistério. Isso pode permitir diversas aprendizagens ao estagiário, que não poderão ser minimizadas diante da possibilidade de outras assimilações e experiências nos demais componentes curriculares do curso de formação de professores, como a ação de refletir sobre e na prática, mesmo antes de assumir a docência como profissão. Tal perspectiva, em relação à prática de ensino, traz diferentes implicações para a formação docente, pois esta “configura-se como uma atividade humana inteligente, de caráter processual e dinâmico, que reclama ações complexas e não lineares” (FARIAS, 2008, p. 67).

Com efeito, propõe-se aqui que o professor, desde a formação inicial, conforme salienta Schön (apud FAZENDA, 1995), necessita ser reflexivo em suas ações e inferir suas consequências no âmbito educacional, porque assevera-se que é “[...] pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1999, p. 43-44). Evidencia-se, portanto, que esse componente curricular traz ricas aprendizagens ao estagiário, que estão associadas ao ato de refletir sobre a prática, produção e articulação de saberes acadêmicos, que são dimensionados na unidade teoria-prática. Então, cabe salientar que o estágio é um espaço que proporciona aos alunos explicitações pedagógicas para a formação do professor, no que se refere à constituição de sua identidade docente. Ele colabora também para a futura prática de ensino, porque, concordando com Farias (2008), a docência requer saberes especializados e estruturados por múltiplas relações. Associado a isso, defende-se que

A profissão docente comporta um conhecimento pedagógico específico, um compromisso ético e moral e a necessidade de dividir a responsabilidade com outros agentes sociais, já que exerce influência sobre outros seres humanos e, portanto, não pode nem deve ser uma profissão meramente técnica de “especialistas infalíveis” que transmitem unicamente conhecimentos acadêmicos (IMBERNÓN, 2009, p. 29).

Assim, percebe-se que o saber pedagógico apreendido nas atividades do estágio pode ir além do conhecimento técnico da ação docente, porque envolve procedimentos que contemplam a reflexão crítica sobre o espaço da sala,

considerando os aspectos físicos e pedagógicos desse local, pois os estagiários deparam-se com vários conhecimentos prévios sobre a sala de aula, relacionados à condição e profissionalização docente até os saberes iniciais da experiência.

Deste modo, além do exposto e tendo em vista que o estágio não se limita à simples inserção dos discentes no espaço físico da sala de aula, esta disciplina pode permitir, aos licenciandos, assumir um papel de destaque no âmbito da qualificação acadêmica, uma vez que eles têm a possibilidade de articular as categorias teoria e prática, e vivenciar a dinâmica escolar, no que se refere à dimensão da estrutura física e pedagógica. Contudo, é preciso salientar, segundo Pimenta e Lima (2008, p. 100), que

Como componente curricular, o estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos, questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos como ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas de ensino fundamental e médio, realidade dos professores nessas escolas, entre outras (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 100).

Partindo do exposto, com base nas considerações das autoras acima, identifica-se que o estágio, por si mesmo, não garante uma preparação para o mundo do trabalho no magistério, pois concebe-se que a formação inicial apresenta limitações, que comprometem a qualificação docente.

Além disso, devido a sua natureza e estrutura pedagógica, as licenciaturas não têm como possibilitar aos estagiários o pleno domínio e a explicitação de todos os saberes docentes importantes para o exercício do magistério, pois “a formação é um dos contextos de socialização que possibilita ao professor reconhecer-se como um profissional, construindo-se a partir de suas relações com os saberes e com o exercício da docência” (FARIAS, 2008, p. 66). Em complemento, comunga-se com Mendes Sobrinho e Carvalho (2006, p. 46), quando afirmam que

É importante, entretanto, a articulação entre os saberes da formação (pedagógicos, curriculares, disciplinares, entre outros) e os saberes construídos na prática escolar, posto que esta se constitui espaço onde afloram problemas e dificuldades, onde se experimentam, constroem metodologias e onde se produzem alternativas para contornar os vieses surgidos na vivência diária da sala de aula (MENDES SOBRINHO; CARVALHO, 2006, p. 46).

Desse modo, mesmo em face do reconhecimento da importância e necessidade da realização dos Estágios na formação de professores, é preciso destacar que existem saberes que emanam das experiências docentes, observados no cotidiano do exercício do magistério e em face do desenvolvimento frequente do processo de ensino.

Então, argumenta-se que em meio ao cotidiano escolar, diante dos problemas e das vitórias encontradas ao longo da profissão, o professor constitui saberes relevantes para o contínuo exercício de seu trabalho. Atrelado a isso, defende-se ainda, mediante as reflexões do segmento anterior, que este sujeito está em permanente aprendizado. Tal perspectiva é referendada nas seguintes palavras de Pimenta e Ghedin (2010, p. 73):

[...] Os professores aprendem sua profissão por vários caminhos, com a contribuição das teorias conhecidas de ensino e aprendizagem e inclusive com a própria experiência. O aprender a ser professor, na formação inicial ou continuada, se pauta por objetivos de aprendizagem que incluem as capacidades e competências esperadas no exercício profissional de professor [...]. (PIMENTA; GHEDIN, 2010, p. 73).

Um ponto importante a ser considerado nesta análise é que a formação de professores é um processo, uma vez que não é concluída mediante o recebimento de uma determinada titulação, mas encontra-se em desenvolvimento, pois é iniciada com vivências significativas para a constituição da identidade docente mesmo antes deste ingressar no curso de formação de professores, como expõe Nóvoa:

[...] não se constrói por uma acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso, é tão importante investir na pessoa e dar um estado ao saber da experiência (NÓVOA, 1995, p. 25).

Observa-se que para exercer o magistério é exigida uma titulação para atender às requisições da legislação educacional. Contudo, ao mesmo tempo, compreende-se que o profissional deste campo está em uma permanente mudança de sua identidade e qualificação, mediante processos cumulativos de aquisição e troca de conhecimentos, os quais estão associados à ação docente e ao diálogo com os conhecimentos acadêmicos deste sujeito, que se encontra em frequente formação e

construção de conhecimento, pois, conforme explicita Therrien (1993), a produção de saber emana da prática e está embasada na relação teoria/prática.

Desse modo, pode ser afirmado que “[...] o processo de formação é multifacetado, plural, tem início e nunca tem fim. É inconcluso e autoformativo [...]” (VEIGA; D’ÁVILA, 2008, p. 15). Em relação a isso, Veiga (2009, p. 20) expõe ainda que “[...] o exercício da docência envolve saberes específicos, os saberes pedagógicos e os saberes construídos nos espaços da experiência”.

Desafios da/na formação: o estágio na visão dos estudantes

Os relatos a seguir resultam de entrevistas informais, abertas, em diferentes semestres letivos, no período de 2011.1 a 2013.1, em dois cursos de Pedagogia, de duas universidades públicas situadas no Nordeste do Brasil, com o intuito de analisar a visão dos estudantes sobre o estágio, como componente curricular obrigatório.

Espera-se que os resultados apresentados podem contribuir academicamente com as Instituições de Educação Superior que ministram cursos de licenciatura; os campos de investigação e estudo atenderam aos propósitos metodológicos estabelecidos para este estudo. Ressalta-se que, inicialmente, houve esclarecimento aos alunos sobre a natureza e os passos de nossa investigação; posteriormente, obtivemos anuência desses alunos para participação na investigação e na coleta desses dados, bem como respeitamos os princípios estabelecidos para a pesquisa científica, principalmente no se refere à exposição dos resultados.

Os resultados de todo este percurso permitem evidenciar que

o que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser ‘educado’, vai gerando a coragem (FREIRE, 1999, p. 50-51).

Dentre as percepções dos estudantes sobre o estágio, pode ser destacado em suas falas o que eles identificam por meio desta disciplina: “Sinto o estágio como o momento de colocar muito do que foi aprendido nas salas da academia, como Didática, Ensino de Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, Artes”, no dizer de Márcia; “Pode-se constatar que teoria e prática têm suas diferenças, mas sem

dúvida se complementam [...]” (Elizafran⁶); “[...] aprendi que devemos estar sempre procurando aprimorar nossa prática e conhecer a realidade dos alunos” (Janayla); e “a partir dessa atividade pude conhecer de perto a realidade da sala de aula. [...] pude perceber que ensinar é algo muito gratificante e sem dúvidas foi uma experiência maravilhosa” (Rita).

Frente a isso, compreende-se que os aspectos pedagógicos apreendidos no estágio estão interrelacionados indubitavelmente com o que está proposto na atualidade sobre este campo de conhecimento, antes discutidos, e que estão bastante evidentes nas vivências formativas dos futuros docentes. As falas, em destaque, confirmam nesta perspectiva que “[...] o estágio, ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora de práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade” (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 45).

Outro dado importante que merece ser destacado, refere-se à preocupação com a formação docente em si, que é desenvolvida no estágio e que também se constitui como elemento pedagógico da qualificação do Pedagogo. Este achado traz contribuição significativa para esta área da educação, em especial para a produção literária deste tema. Assim, percebe-se que as atividades do estágio possibilitaram, aos alunos, refletir sobre a qualificação do professor, entendendo que o estágio é também espaço de análise do aprendizado docente. Para tanto, os estudantes afirmam perceberem que: “[...] quando o professor vai para a sala de aula deve estar preparado para poder desenvolver um bom trabalho” (Júnior); “[...] com certeza na próxima vez que estiver em sala estarei mais preparado, menos nervoso e mais seguro” (David); e “aprendi que é necessário estar em constante formação, porque esta é a base da profissão” (Aldenira).

As falas supracitadas mostram que os discentes ficaram inquietos com a condição e qualificação docente, os quais mesmo ainda não lecionando, identificam que o professor deve estar em constante formação. Evidencia-se que a identidade do professor também está em contínua transformação, algo que se processa em todos os espaços e mecanismos de qualificação docente.

Sendo assim, um dado importante a ser apreciado deste apanhado é que para muitos futuros professores o estágio é um marco de embates com o espaço da práxis docente, em especial de encontro (identificação) com a profissão do professor. Quanto

⁶ Os nomes dos estudantes apresentados neste artigo são fictícios.

a isso, a estudante de Pedagogia Tamyres explicita que, após o estágio, ela passou a se “ver como professora”. Na mesma linha de pensamento, Pedro destaca que a realização do estágio “[...] foi um incentivo a ser um Pedagogo pesquisador, leitor, construtor de seus próprios conhecimentos”.

Por último, aponta-se que os elementos já apresentados sobre os achados da pesquisa confirmam que na contemporaneidade o estágio explicita diferentes contribuições formativas para os alunos do curso de Pedagogia; ele possibilita a construção de diferentes conhecimentos pedagógicos, fundamentais para a vida profissional destes discentes. Tais colocações são confirmadas na voz de Eliúde, quando afirma que “[...] vi que na realidade, que depende de cada professor transformar a sua sala de aula, e desenvolver a sua metodologia e suas práticas docentes”; e de John, o qual expõe que por meio do estágio “[...] foi possível perceber diversos aspectos que se relacionam com o processo de ensino-aprendizagem”. As informações mostram que o componente curricular em estudo, além de possibilitar aos estudantes a assimilação de saberes significativos à docência, também os leva a identificar a prática como suporte para o desenvolvimento do pensamento prático e reflexivo (NÓVOA, 1995). Desse modo, nota-se que o ato de refletir sobre a prática e na prática deve ser algo constante, e desenvolvido por todos os sujeitos enredados no processo educativo.

Percebemos, também, algumas lacunas: “[...] sinto o desafio de aplicar alguns conhecimentos do construtivismo, por exemplo, que tanto admiro, na realidade que encontro [...]” (Aldenira). Assim, discutir o estágio no contexto redimensionado de articulação teoria e prática necessita de permanentes investigações sobre a práxis cotidiana, sobre o saber e o saber-fazer.

Conclusão

As discussões apresentadas acima sinalizam que o estudo da formação docente tem sido desenvolvido com maior destaque nos últimos anos, dado que sobressai, entre outros fatores, pela busca da qualidade da educação. Dessa forma, a realização de pesquisas neste âmbito assume relevância no cenário educacional e devem ser propagadas na sociedade. Quanto ao foco desta questão, que se centrou especificamente na discussão do estágio, foi evidenciado que este componente curricular disponibiliza, para a qualificação inicial dos futuros professores, diversos

conhecimentos pedagógicos ou que se associam a estes, como a função da ação docente.

Com efeito, dentre as aprendizagens explicitadas pelos alunos podem ser destacadas as relacionadas à prática de ensino, vivenciadas na sala de aula, imbricadas com o processo de ensino-aprendizagem e contempladas pelos diferentes elementos que se relacionam com a sua concretude e sucesso. Além disso, percebe-se que a unidade teoria-prática é apontada como bastante articulada e presente durante as atividades do estágio. Isso contribui para promover frequentes diálogos entre os múltiplos saberes acadêmicos que integralizam a formação ofertada pela universidade, desde o campo teórico ao prático, com suporte na prática de ensino.

Essa atuação reflexiva, as ações pedagógicas e os enfrentamentos da realidade possibilitam uma análise da escola como centro de gestão, de decisões político-pedagógicas, recheadas de conflitos e de realizações pessoais e grupais. Permite, também, compreender como ocorrem os mecanismos de dominação, de resistências, de contestação e de superação, ao mesmo tempo em que se veiculam conhecimentos, valores, atitudes, crenças, formas de ver, viver e sentir o mundo experienciado.

Foi identificado que os discentes demonstraram, a partir do estágio, preocupação com o desenvolvimento profissional, pois se identificou que, para o professor desempenhar com êxito o seu trabalho, é imprescindível que ele detenha conhecimentos variados sobre o seu campo de atuação. Outro dado que ficou evidente durante a análise, é o fato de o estágio possibilitar espaços de constituição da identidade docente, sendo um locus de reflexão sobre a condição, função e desempenho deste sujeito. Deste modo, entende-se que este componente curricular explicita variadas aprendizagens do âmbito pedagógico, algo que ficou visível em muitas das produções textuais e durante as observações das regências do estágio.

Ao assumirem-se várias frentes de desenvolvimento nos processos de formação inicial – desenvolvimento científico, desenvolvimento didático e desenvolvimento pessoal –, percebe-se o desafio de aliar discursos e ações, teorias e práticas. Tal desafio aparece imenso no estágio curricular supervisionado, e nos revela que certamente as discussões da formação –que são mais relevantes no momento do estágio – também o são ao longo do percurso formativo na universidade. Não é possível imaginar, neste sentido, que haja reprodução da separação entre teoria e prática nem privilégio na matriz curricular das disciplinas de fundamentos ou

didáticas em detrimento de seus discernimentos e aplicações na prática de ensino. É salutar, para a teoria pedagógica, que ela seja o eco de reflexões que advêm da prática ou que a ela se dediquem.

Referências

BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. (2006). Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores. São Paulo: Avercamp.

FARIAS, I. M. S. [et al.]. (2008). Didática e Docência: aprendendo a profissão. Fortaleza: Realce Editora e Indústria Ltda.

FAZENDA, I. C. A. (org.). (1995). A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas, SP: Papirus.

FREIRE, P. (1999). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

IMBERNÓN, F. (2009). Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 7ª ed. São Paulo: Cortez.

LIMA, M. S. L. (2001). A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.

MENDES SOBRINHO, J. A. C. M.; CARVALHO, M. A. (org.). (2006). Formação de Professores e Práticas Docentes. Belo Horizonte: Autêntica.

NÓVOA, A. (1995). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote.

PIMENTA, S. G. (2011). O Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática? 10ª ed. São Paulo: Cortez.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (org.). (2010). Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 6. ed. São Paulo: Cortez.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. (2008). Estágio e docência. 3ª ed. São Paulo: Cortez.

THERRIEN, J. (1993). O saber social da prática docente. In: Educação e Sociedade, 46. p. 408-418.

VEIGA, I. P. A.; D'ÁVILA, C. M. (org.). (2008). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas, SP: Papirus.

VEIGA, I. P. A. A aventura de formar professores. Campinas, SP: Papirus, 2009.

VEIGA, I. P. A. (1989). A prática pedagógica do professor de didática. Campinas, SP: Papirus.b